

CÍRIO DOS SALVADOS:
pequena história trágico-marítima
de
Jorge Louraço

Jorge Louraço
Av. Serpa Pinto, 534, 5º Esq.
+ 351 962566445
Jorgelouraco@gmail.com

Teatro Académico de Gil
Vicente - Coimbra

CENA 1

OS DOIS ACTORES APROXIMAM-SE DA BOCA DE CENA, DIRIGINDO-SE PARA PERTO DE UMA MESA, ONDE ESTÁ UMA CAIXA. UM DELES, O MAIS NOVO, OFERECE AO OUTRO A CAIXA. É UMA PRENDA. TEM UM BARCO DENTRO. O OUTRO ACTOR RECEBE O PRESENTE E MOSTRA-O AO PÚBLICO. COMEÇA A EXPERIMENTAR O QUE FAZER COM O BARCO, IMAGINANDO-O NO MAR. O MAIS NOVO AGUARDA A OPORTUNIDADE PARA APRESENTAR AO PÚBLICO AS MÃOS VAZIAS.

RICARDO: No inverno, quando os outros portos têm a barra fechada por causa do mau tempo, este nunca fecha.

CARLOS: Nunca fecha.

RICARDO: Os pescadores chamam-lhe porto santo. É uma maneira de manter a fé. A verdade é que foi preciso que muitos perdessem a vida para que o porto fosse aberto. Só o mar sabe quantos. Foi nestas pedras, numa noite de nevoeiro, que o nosso barco encalhou.

VAI LÁ ATRÁS E PUXA A REDE. DEPOIS, COMEÇAM AMBOS A MOSTRAR A PARTIDA DO BARCO PARA O MAR. A EMBARCAÇÃO VAI, FAZ A PESCARIA E REGRESSA. NO REGRESSO, UM DELES FAZ UM CIGARRO. ESCURIDÃO E NEVOEIRO. O MAR ESTÁ MUITO BAIXO. AO PASSAR NUMA PEDRA NORMALMENTE COBERTA PELA ÁGUA, O BARCO VIRA-SE. O MAIS NOVO SEGURA O BARCO E COLOCA-O NO LUGAR **X**.

CENA 2

- CARLOS: É um bocadinho mais à frente.
- RICARDO: É aqui.
- RICARDO: Não, é mais à frente.
- RICARDO: Foi aqui.
- CARLOS: Foi ali, mais à frente. Um bocadinho.
- RICARDO: É no enfiamento do canhão. Foi ali que se afundou.
- CARLOS: Tens que dizer vale, para as pessoas perceberem.
- RICARDO: A 500 metros da praia começa, ou acaba, conforme o ponto de vista, um vale submarino que é o mais fundo da Europa, e de onde vem o peixe. Ou vinha, porque há cada vez menos peixe. É tão fundo e tão perto da costa que no fim da segunda guerra foi escolhido pelo comandante de um navio submarino alemão - o U-953 - para afundar o navio. As pessoas contam que aquele navio, visto de repente, em plena noite, 1945, todo iluminado, parecia uma cidade.
- CARLOS: Podemos continuar? E não se afundou, virou-se.
- RICARDO: Foi na última pedra antes do canhão.
- CARLOS: É o que eu estou a dizer: o barco raspou na pedra do Rapa, porque a maré estava muito vazia, porque normalmente eles passariam por cima dela, porque como estava muito nevoeiro, não viam onde estavam. E virou-se.
- RICARDO: É o que eu estou a dizer: foi aí que se afundou.
- CARLOS: Não se afundou nada, virou-se! Eles ainda vieram para cima do barco!
- RICARDO: Não vieram nada. Ele andou a arrastá-los para a pedra. E depois foi buscar ajuda, porque o mais velho já não tinha forças para nadar.
- ESTENDE A MÃO PARA OBTER O GIZ PELA ENÉSIMA VEZ. DESENHAM NA MESA.
- CARLOS: Tens aqui a Pedra do Guilhim, depois o Bico

dos Corvos, a Pedra do Leme e a do Rapa.

RICARDO: Tens que ver no google.

CARLOS: Eu fui ao google. Aparecem não sei quantas terras iguais! (OLHANDO EM REDOR.) São Martinho, Peniche, Berlengas, Farilhões...

RICARDO: Onde é que está o mar?

DESENHAM O MAPA NO CHÃO.

RICARDO: O Farol. A prainha. O vale, chamado o Canhão da Nazaré, transforma-se num promontório onde se deu um dos milagres mais antigos de Portugal, no tempo do primeiro rei, tão antigo que uns dizem que é mentira, outros dizem que é fenício.

CARLOS: A foz. Ou melhor, o porto de abrigo.

RICARDO: Numa manhã de nevoeiro - os milagres acontecem sempre em manhãs de nevoeiro - D. Fuas Roupinho, alcaide de Porto de Mós, o primeiro almirante português, que tinha derrotado os mouros numa batalha naval, foi atraído até ao suberco, pelo diabo em forma de veado, ia a galope, e quase caiu no abismo, não fosse ter invocado Santa Maria, que fez o ginete parar já com as duas patas dianteiras no vazio, a pata esquerda de trás na ponta do precipício e a direita também no ar, à procura de terra firme para onde recuar.

CARLOS: A avenida.

RICARDO: Ainda há quem caia lá de cima, mas voluntariamente. Alguns param o carro por uns instantes e depois arrancam, de repente, pé no acelerador, embriagados pela velocidade, olhos no abismo. Claro que D. Fuas não olhou o abismo, primeiro porque estava muito nevoeiro, segundo porque olhou para cima, onde aparecera Nossa Senhora, com vários anjinhos a ampará-la no ar.

CARLOS: A taberna.

RICARDO: A capitania.

CARLOS: Agora os lances onde se pesca ao candil, perto da praia: o Brasil - chamado assim por ser muito rico em peixe e ser o que fica mais a sul. [...]

- RICARDO: E as ruas: [...] Pronto. Vens de Coimbra. Passas na Pederneira. Vais para o Sítio. Praça de Touros, Santuário, Teatro, Hospital, Palácio, Capela da Memória... Desces em direcção ao farol. Chegas, vês a Praia do Norte. A maior onda do mundo, propriedade registada. É verdade, as maiores e mais perigosas ondas do mundo são aqui. As ondas começam lá no mar alto e vêm por aí acima inteiriças, sem dentença alguma. Mas vão dar à praia do Norte e o promontório protege-nos. Só não nos salva do nevoeiro. Guilhim, Corvos, Leme, Rapa. Foi ali que o barco se afundou e eles se afogaram.
- CARLOS: Ele não se afundou. Virou. Eles ainda vieram para cima do barco. E depois é que foram para a pedra.
- RICARDO: Virou e quase se afogavam todos. Mas havia um sabia nadar muito bem!...
- CARLOS: Afoga-te onde quiseres!

CENA 3

CAEM AO MAR. RICARDO PROCURA SALVAR-SE E SOBE A CUSTO PARA UMA PEDRA. PROCURA OS COMPANHEIROS E VÊ CARLOS. MERGULHA PARA IR SALVÁ-LO, O QUE CONSEGUE A MUITO CUSTO. PUXA CARLOS PARA A PEDRA E TIRA-O DA REDE. ESTÃO ABSOLUTAMENTE ESGOTADOS.

RICARDO: Safa a navalha!

CARLOS: A garrafinha? A minha garrafinha!

CONSEGUE RECUPERAR UMA GARRAFINHA, DE ONDE BEBE O ÚLTIMO TRAGO DE AGUARDENTE. O FRIO É INSUPOORTÁVEL. PROCURAM A CANDEIA. PROCURAM FÓSFOROS, NOS BOLSOS E NO BARRETE, DEPOIS NA BARSA. GRITAM POR SOCORRO. O NEVOEIRO AINDA É MUITO CERRADO.

AMBOS: Eh-láaaa! Oooooi! Ooooooi! Eh-láaaa-ooooi!
Socorro! SOCORRO!

RICARDO: Onde é que nós estamos?

CARLOS: Tu é que vinhas ao leme!

RICARDO: Eu não!

CARLOS: Eu dei-te o leme para fumar um cigarro.

RICARDO: Mas tu pediste-me para fazer um cigarro.

CARLOS: E depois passei-te para fumar.

RICARDO: Eu ainda estava a fazer o cigarro!

CARLOS: Fizeste-me o cigarro?

RICARDO: Então estamos quase a morrer e tu pensas em fumar?

CARLOS: Se queres discutir é que não nos safamos. Os fósforos?

RICARDO: Estão molhados.

CARLOS: Já secam. Procura aí candeia, talvez ainda tenha petróleo.

RICARDO: Que barcos saíram ao mar? Nós viémos mais cedo...

CARLOS: Tínhamos boa pescaria.

AMBOS: Socorro! SOCORRO!

RICARDO: Vou até às bóias pedir ajuda.

CARLOS: E deixas-me aqui sozinho?

RICARDO: É melhor que morreremos os dois sem fazer nada.

CARLOS: Vamos esperar que os outros regressem do alto e parem nas bóias. Se estivesse lá alguém já nos tinham respondido.

RICARDO: Esperar.

CARLOS: Procura aí a candeia. Não é o primeiro nem há-de ser o último acidente a que sobrevivo.

RICARDO: Algum há-de ser o último.

CARLOS: A menos que morra em terra.

RICARDO: Mas morrer por morrer, mais vale morrer no mar.

CARLOS: Santa Maria sempre nos acudiu.

RICARDO: Levo-te até às bóias, e vamos numa barca.

CARLOS: Não tenho forças.

RICARDO: Mas eu levo-te.

CARLOS: Vai tu pedir ajuda.

RICARDO: Se te deixo aqui sozinho, desmaias...

CARLOS: Não.

RICARDO: E pronto.

CARLOS: Mas tu sabes onde estão as bóias? Como é que lá chegas? Ainda te pões a nadar e só páras no Brasil...

RICARDO: Se estivéssemos no Brasil...

PROCURAM ALGO PARA SE FAZEREM VER.
NO MAR ESTÁ UMA CANA. DEPOIS UM
CORPETE. E DEPOIS UM FUNIL. É
ESTRANHO.

CARLOS: Já estamos mortos e isto é o inferno, queres ver?

RICARDO: Com este frio?

O MAIS VAI PARA MERGULHAR.

RICARDO: Usa o funil como trompeta para pedir ajuda!

CARLOS: Espera. Leva uma corda atada à cintura.

ATAM A CORDA A RICARDO, E ESTE
PARTE. CARLOS FICA SOZINHO A REZAR
EM SURDINA. PÁRA DE REPENTE.

CARLOS: Eu sei que estás aí... Estás com vergonha? Não me apareceste sempre, era agora? Tu e eu... Temos uma sociedade ou não? O meu sobrinho é como um filho para mim, temos a mesma idade mas é como um filho. Ele não faz por mal. Ao menos tira-nos este nevoeiro. Nunca te falhei: todo o peixe, todo o ouro... em 1934 foi o primeiro. Morreu o Joaquim. 1942, o segundo... 1958.

A CORDA ACABA E FOGELHE DAS MÃOS.
ASA NEGRA DA MORTE. USA O FUNIL.

CENA 4

RICARDO REGRESSA. TRAZ UMA BÓIA DE SALVAÇÃO.

CARLOS: Olha, obrigado pela coroa de flores, mas ainda é cedo.

RICARDO: É uma bóia.

CARLOS: É uma bóia, é, para me levar para o outro mundo...

RICARDO: Achas que fui à Júlia Florista? Era uma bóia!

CARLOS: Era uma coroa!

RICARDO: Estás morto? Era uma bóia! Tu bebes e vês a nossa senhora. E coroas de flores. Nosso Senhor te tenha em descanso e perdoe os teus pecados.

CARLOS: Vai nadar, vai nadar.

RICARDO: Tu engoliste água do mar ou é o nevoeiro que te está a dar a volta à cabeça?

CARLOS DESMAIA. RICARDO PUXA A REDE.
CARLOS ACORDA.

CARLOS: Deixa isso, homem, ninguém vai ver com o nevoeiro que aí está...

RICARDO: O nevoeiro há de se levantar... Não é depois que vamos fazer isto. Podemos estar ainda praqui em alto-mar...

CARLOS: Já te disse que estamos quase na praia.

RICARDO PUXA A REDE.

CARLOS: Para que é a rede? Deixa a rede, não te vás emalhar. O melhor é esperar.

RICARDO: Eu nunca mais me faço ao mar. Porque é que eu me fiz ao mar num dia assim? Em 45 minutos virou. Já queria a minha horta...

CARLOS: Tens de ter fé e rezar a nossa senhora.

RICARDO: Prometo-lhe o peixinho todo que pescar daqui para a frente, que é nenhum, que eu nunca mais volto ao mar.

CARLOS: Ela tem o peixe que quiser

RICARDO: Quanto é que tínhamos pescado?

CARLOS: Peixe que dava para mim e para ti e para toda a companhia para mais de um mês.

RICARDO: Pede por mim, então.

CARLOS: Não acreditas? Vais ver. Tens de ter fé. Ela aparece. Das outras vezes foi assim.

RICARDO: E pediste o quê?

CARLOS: Primeiro aparece ela, vais ver. Depois, somos salvos.

RICARDO: Não estou a ver nada.

CARLOS: Tu não acreditas, ela não aparece.

RICARDO: Tu já a viste?

CARLOS: Ela aparece. Não te consigo explicar.

RICARDO: Mais vale pedires a Nossa Senhora de Fátima, que com este nevoeiro que aí está... O milagre tem de ser grande. Não é a senhora de Fátima que faz o sol girar? Pede para ela levantar este nevoeiro.

CARLOS: Nossa Senhora da Fátima foi o diabo que apareceu à Virgem de Nazaré. Esta senhora pode tudo. Se ela veio da Palestina... Fátima é um pedaço de gesso. Esta imagem que aqui está veio da Terra Santa.

RICARDO: Tu sabes tudo sobre as nossas senhoras. Eu nossas senhoras só conheço as de carne e osso.

CARLOS: Dantes a Virgem da Nazaré era conhecida em todo o mundo. Por isso é que o Vasco da Gama aqui veio. Queres melhor marinheiro? Até no Brasil, era a principal. Eu devo tudo a Santa Maria.

RICARDO: Foi ela que te salvou?

CARLOS: Tu queres é que eu te conte o que sei.

RICARDO: Eu o que tinha de saber já se.

CARLOS: Tu nem rezar sabes! Vou-te contar a minha reza. Repete comigo. Minha Nossa Senhora da Nazaré...

RICARDO: Faz com que eu tenha pé.

CARLOS: Santa Maria, perdoa este mouro, que não acredita em nada.

RICARDO: Está bem, pronto. Eu rezo.

CARLOS: Avé-maria...

RICARDO: Como é que se faz?

CARLOS: Não interrompas!

RICARDO: Pronto.

CARLOS: Avé Maria, cheia de graça...

RICARDO: Cheia de quê?

CARLOS: Tu não sabes dizer o Avé-Maria?

RICARDO: Eu não.

CARLOS: Repete comigo. Avé-Maria cheia de graça, o Senhor é convosco...

RICARDO: Bendita sois Vós, já me lembro.

CARLOS: Então?

DIZEM AMBOS O AVÉ-MARIA E PARAM EM SILÊNCIO POR UNS SEGUNDOS. DE SÚBITO:

RICARDO: «Meu filho. Confessaste os teus pecados?»

CARLOS: Tás a gozar comigo?

RICARDO: Que foi?

CARLOS: Foste tu.

RICARDO: Eu o quê?

CARLOS: Ah... Então não foste tu?... Então foi ela! Não ouviste?

RICARDO: Não. Estava a pedir os três desejos!

CARLOS: A pedir três desejos... É nossa senhora, não é o da lamparina! Senhora, este infiél... Ela está a ouvir. Eu prometo, nós prometemos...

RICARDO: Eu não prometo nada.

CARLOS: Prometes, prometes. Nossa senhora, se me estás

a ouvir...

RICARDO: Reza, reza. Vamos rezar juntos. Eu queria era deixar esta vida. Se nossa senhora me salvar, eu deixo esta vida. Vamos fechar os olhos e rezar.

AMBOS REZAM. PASSADO UM POUCO:

RICARDO: «Meu filho, livra-te do peso das cobiças humanas...»

CARLOS: Sim, senhora.

RICARDO: «O teu sobrinho salvou-te.»

CARLOS: Nossa senhora... salva-nos... leva este nevoeiro.

RICARDO: «Entrega o ouro todo ao teu sobrinho.»

CARLOS: Claro...

RICARDO: «Entregas?»

CARLOS: Ó senhora... Mas qual ouro?

RICARDO: O ouro!

CARLOS: Estás a ouvir o que ela diz?

RICARDO: Eu? Eu não! Que disse ela?

CARLOS: Para te dar ouro. Mas eu não tenho ouro nenhum.

RICARDO: Não?

CARLOS: Não, e mesmo que tivesse, não era para ti. Por que raio quer ela que te dê o ouro a ti?... Ah! Espera, já sei!!...

VOLTA A REZAR

CARLOS: Minha rica nossa senhora, perdoa-me esse pecado contra o meu sobrinho...

RICARDO: Qual pecado?

CARLOS: Aquele...

RICARDO: «Tens de contar tudo ao teu sobrinho»...

CARLOS: Mas como é que eu lhe vou contar que a mulher dele...?

RICARDO: O que é que foi?

CARLOS: O que é que foi o quê, Santa Maria?

RICARDO: Eu ouvi tudo. Ela disse para me contares! Que pecado é esse?

CARLOS: Tu ouviste tudo? Agora já acreditas?

RICARDO: Conta lá!

CARLOS: Não.

RICARDO: Conta...

CARLOS: Não...

RICARDO: Estamos aqui os dois à beira da morte e vais levar isso contigo para o fundo do mar?

CARLOS: Sabes... enquanto estiveste no Brasil...

RICARDO: Diz!

CARLOS: Não é nada, homem, estava a brincar contigo... Achavas que eu acreditava que a nossa senhora me ia falar ao ouvido? Não é assim, não é assim...

RICARDO: Estavas a brincar contigo... Bom... Pois já que tocámos no assunto... Da última vez que foste ao bacalhau... A tua mulher...

CARLOS: A brincadeira já terminou.

RICARDO: Pois.

CARLOS: Com quem?

RICARDO: Não posso dizer. Fala lá com nossa senhora, pode ser que ela te diga.

CARLOS: Ah, desgraçado, se não morreres afogado quem te mata sou eu!

CARLOS SALTA SOBRE RICARDO PARA O ATACAR. AMBOS CAEM AO MAR.

CENA 5

- CARLOS: A Senhora da Nazaré faz milagres há mais de mil anos. E foi num dia de nevoeiro assim que ela salvou o Dom Fuas, ou não foi? A igreja está ou não está cheia de ex-votos? Está ou não está? Ah... Olha, até salvou mareantes da carreira do Brasil, que deixaram lá em cima o testemunho, não te mostrei, antes de teres ido ao Brasil? Para teres confiança? E vem gente de todo o lado em peregrinação, ou não vem? É só por superstição? O teu compadre não veio do Brasil? E eu, como é que achas que me salvei já de tantos acidentes? Sou mais que os outros? Quando os outros portos todos fecham as barras, o nosso porto nunca fecha! Vais ver se ela não há-de safar este nevoeiro. Só te peço isso, Santa Maria.
- RICARDO: Como é que ela vem vestida? Vem com a maminha à mostra? Vem me dar leitinho? E vais tirar o leite da boca do menino jesus? Tu deves ter visto é sereias!
- CARLOS: Também já vi uma, quando era novinho. Mas isso não te conto, tu não acreditas, não vale a pena.
- RICARDO: Em sereias acredito. Eu sereias e marias de carne e osso. Vou ter saudades é dessas.
- CARLOS: Porque é que voltaste do Brasil? Foi só pra me dar azar?
- RICARDO: Porque é que voltaste do bacalhau? Contigo lá nunca tive nenhum acidente.
- CARLOS: No bacalhau a vida é pior que a morte. Não são passeios de cruzeiro entre o Rio de Janeiro e Aveiro. O Brasil para mim é ali ao sul.
- RICARDO: Foste ao bacalhau para juntar dinheiro para comprar uma lancha e por causa disso vamos morrer. Ganância, ganância. Pois fazes mal em pensar assim. O Brasil é que é a terra dos milagres. Encontrei lá muitas senhoras, ainda não me decidi qual é minha e qual é a nossa.
- RICARDO: A primeira vez que eu fui ao mar, quando olhei para trás e vi a praia, fiquei apaixonado... parecia mesmo uma mulher deitada na areia... Eu era o mar, as ondas, o promontório... Ela era a praia. Era como se nos víssemos a um

espelho de aumentar. Mas depois pus-me a pensar... deve haver outros mares, outras praias, outras costas para correr... Outras Nazarés! E quando estava no Brasil descobri que havia mesmo: Nazarés com rio em vez de mar, no meio da mata, no alto da serra, em ilhas, no deserto ... no meio da Amazónia! E se eu lá fosse outra pessoa? Se eu fosse como a serra, ou como as árvores, ou como a areia? Se eu fosse como os morros do Rio, que nascem da água? Porque aqui a terra entra mar adentro, mas lá a terra nasce da água. Então sim, foi como se eu me estivesse a ver a um verdadeiro espelho. Agora, voltei, e nem mar nem pedras nem areia... É só este nevoeiro dum cão que nem vejo onde ponho os pés. Eu era outra pessoa... Mas agora voltei, parece que sou o mesmo de antigamente, parece que voltei atrás no tempo e no espaço...

CARLOS: Tu querias era fugir.

RICARDO: Como é que tu queres que eu seja certo? Um homem acorda, está um mar chão. Faz-se ao mar e em menos de uma hora está o mar alevantado. Virgem de Nazaré, Santa Maria das Areias... Protege contra o abismo da tentação de Satanás.

CENA 6

CAIXA DE SAL DE PANDORA

RICARDO: Sempre a falar da Nazaré... Só tens olhos para este mar... Há mais mundo, sabias? Até há mais Nazarés! E outros Facadas, e outros naufragos. Há naufragos que cheguem, não precisas de ser mais um. Há muitas Nazarés e muitas senhoras também. Porque é que eu ia acreditar nesta? Já fui salvo muitas vezes, mas nunca foi por santas.

CARLOS: Mais Nazarés?

RICARDO: Pois há. Olha, fica sabendo que no Brasil há uma terra que se chama Nazaré, que fica numa ilha, com floresta à volta. E lá têm um cinema que um jogador de futebol comprou, que só passa os filmes que estavam a dar trinta anos antes. É tudo filmes antigos. Como se fosse uma viagem ao passado. Quando eu lá estive, em 76, passaram um filme de 1946! E os casais que já fizeram bodas de ouro e de prata e de tudo, nesses dias, vão ao cinema como se tivessem 16 anos outra vez. Alguns até levam acompanhante e pedem a alguém para os vigiar. Eu pus-me a namoriscar uma moça e tive de fugir.

CARLOS: Andas sempre a fugir... Senhora... Eu sei que estás aí. Ela não acredita... Mas eu também era assim, até me apareceres. Todo o peixinho que eu te dei... a ti, e ao teu filho, e ao teu marido...

RICARDO: Outra vez fui dar a uma Nazaré que estava debaixo d'água. Foi em 1960. Quando cheguei estavam as pessoas a tirar as últimas coisas da casa. Tinham vivido ali a vida toda, junto ao rio, tiravam o sustento do rio, mas agora era o rio que se vingava. O rio, não, os homens. Fizeram uma aldeia igualzinha mais acima. Inundaram a aldeia verdadeira para fazer uma barragem. Aquela água vai para o Brasil todo. É uma Nazaré debaixo d'água, essa é que é verdadeira. Esta outra foi reconstruída. E quem manda nela é um coronel, como nas novelas. Ele é que controlava tudo. E o padre. E sabes onde eles guardavam o ouro? Têm uns santos de pau oco. Por isso é que eu me vim embora, fugi com o ouro, queriam matar-me. Mas eu fugi. E há lá uma Nazaré no meio da mata, que é a capital do Maracatu. Sabes o que é o Maracatu? Não sabes. Nunca saís de casa.

CARLOS: O quê?

RICARDO: É assim, ó -

RICARDO FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO DO
MARACATU.

CARLOS: Eu não digo? És o diabo que veio para me atentar, para me levar para o fundo do mar... E quem é que te salvou nesses lugares todos? Não foi nossa senhora? Foi nossa senhora! Tu é que não viste, não queres ver!

RICARDO: Olha, queres saber quem me salvou? Eu uma vez entrei numa dessas casas que era só sereias, e percebi que as sereias são são santas. Ia a subir as escadas e vejo um grande quadro com a senhora, e uma bíblia maior que a que o Bispo tem na Sé de Braga. E o que ela me fez... Se tu soubesses o que ela me fez... Isso, sim, foi um milagre. Chorei a noite inteira como se fosse um menino...

CARLOS: És cá um mentiroso... Para as histórias que contas, tinhas de ter vivido duas vezes.

RICARDO: Tu, que tens mais vidas que os gatos, foste salvo de não sei quantos acidentes e nem uma anedota tens para contar. Só saís de casa para ir à taberna, e da taberna para o mar. Podias saber ao menos como nos salvamos desta névoa.

CARLOS: Cá para mim estiveste este tempo todo em Espanha, ou em Peniche, ou em Matosinhos.

RICARDO: Eu fui levar o meu compadre peregrino a Belém do Pará, quando ele morreu.

CARLOS: Já sei, já sei, é o que tu dizes. Consegues ouvir alguma coisa da praia? A estas horas está a tua mãe aos prantos na praia.

RICARDO: Já toda a gente deve saber. Deve ter dado no rádio: «o batel Petrel está desaparecido desde a madrugada de ontem.» Nós estamos como os peregrinos a caminho de Fátima, e as suas carrinhas de apoio, e um carro capotado na berma da auto-estrada, os coletes amarelos e nós fomos albarroados.

CARLOS: Ai, Ricardo, acho que não me aguento.

RICARDO: Tu precisas é de um banho de sal quando chegares a terra.

CARLOS: Os fósforos já estão secos? Faz-me um cigarro.

CENA 7

CARLOS: Nós temos a mesma idade, mas tu és como um filho para mim.

APARECE UMA BONECA NA REDE.

RICARDO: Achas que isto é um sinal de nossa senhora?

CARLOS: É só uma boneca.

RICARDO: Não vês que é uma imagem do menino Jesus?

CARLOS: Não é assim que ela aparece.

RICARDO: Não é a senhora da Nazaré que tem uma maminha à mostra? Isso é que é uma senhora, que dá o leite ao menino.

RICARDO IMITA NOSSA SENHORA AMAMENTANDO O MENINO JESUS, PARA GRANDE IRRITAÇÃO DE CARLOS. COM OS OBJECTOS, RICARDO REPRODUZ O NAUFRÁGIO. MONTA UMA HISTÓRIA DE MILAGRES: FAZ DE NOSSA SENHORA, NAUFRAGA O BARCO,

CARLOS: Olha que isso dá azar...

AMAMENTA A CRIANÇA DE NOVO, AFOGA A CRIANÇA.

RICARDO: Holióps!

CARLOS: Tu és o diabo em forma de gente! Eu ia deixar-te as coisas em testamento... tu para mim -

RICARDO: Sou como um filho, já sei. Mas nós temos a mesma idade!

CARLOS: Olha, deixo-te esta pedra! Para vires aqui cuidar dela!... Depois vendes para sustentar os filhos que deixaste no Brasil!

RICARDO:: Ainda se desse para pagar as tuas dívidas...

AVISTAM AS TRINEIRAS AO LONGE. COLOCAM MAIS UMA PEÇA EM CIMA DO MASTRO. ESPERAM. SÃO FINALMENTE AVISTADOS. DÃO GRAÇAS AOS CÉUS. ESPERAM. RICARDO ATIRA-SE AO MAR. CARLOS ACENDE UMA VELA NO TOPO DO

MASTRO E SÓ ENTÃO SE ATIRA AO MAR.

CENA 8

UMA MESA DE TRABALHO ONDE SE
CONSTROEM MINIATURAS DE BARCOS. NO
CAIS, CONTRA O VENTO, CARLOS ACENDE
UM FÓSFORO E PROTEGE-O COM A MÃO,
TENTANDO SEGURAR A CHAMA, QUASE ATÉ
À PONTA DOS DEDOS, ENQUANTO RICARDO
CONTA UMA HISTÓRIA.

RICARDO: Este é o barco do meu acidente. Os homens que
iam neste barco morreram todos. Esta é a minha
pequena história trágico-marítima.

FIM